



Hip-hop: da cultura de rua para a cultura popular



A Universidade Cornell tem a maior coleção de gravações e artefatos ligados ao hip-hop no mundo (Fotografia de Lindsay France/Universidade)

O hip-hop é muito mais do que apenas música. O termo abrange toda uma cultura, o que ajuda a explicar como ele se tornou um dos elementos de maior influência na formação do entretenimento global e do modo em que os jovens se expressam. No mundo inteiro, o hip-hop é uma ferramenta utilizada para expressar as complexidades da vida cotidiana e enfrentar os que têm poder, seja por meio de letras de música recitadas, da arte do grafite, da dança ou da maestria como disc jockey.

O hip-hop, que não deve ser confundido com o rap comercial — que frequentemente ostenta os excessos materiais, a violência e a misoginia —, surgiu no sul do Bronx, em Nova York, há mais de 40 anos, como uma alternativa à cultura autodestrutiva das gangues. O hip-hop deu aos descontentes jovens dos bairros pobres a oportunidade

de direcionar suas frustrações para a arte em vez da violência.

Em um salão recreativo alugado na Avenida Sedgwick, no dia 11 de agosto de 1973, um DJ nascido na Jamaica chamado Kool Herc lançou a arte de separar as batidas de músicas gravadas e estendê-las usando dois pratos que tocavam o mesmo disco. O amigo de Herc, Coke La Rock, começou a cantar rap por cima das batidas que grudavam na cabeça. O som deu início a uma revolução instantânea, e logo estava sendo recriado em festas por todo o sul do Bronx. A batida estendida também incentivou a evolução da breakdance, além do rap, e os artistas do grafite ofereceram um complemento visual às performances musicais e de dança.

“Uma cultura não tem início em um dia específico, mas podem acontecer em um único dia eventos que desencadeiam muitas coisas”,

afirma Ben Ortiz, curador assistente da Coleção de Hip-hop da Universidade Cornell em Ithaca, no estado de Nova York. A universidade vem preservando gravações e artefatos ligados ao hip-hop desde 2007 e tem orgulho de ter a maior coleção do tipo no mundo.

A curadora de manuscritos e livros raros da Cornell, Katherine Reagan,

A descoberta do DJ Kool Herc de como isolar e estender as batidas deu início ao hip-hop (AP Images)



Hip-hop: da cultura de rua para a cultura popular

afirma que a universidade não apenas está preservando a história dos primórdios do hip-hop, mas também está dando a seus criadores e a novos artistas a chance de contar a história a alunos e a organizações comunitárias voltadas para a juventude, bem como para musicólogos. “Queremos dar voz a esta cultura viva, porque os criadores dela estão por aí e estão vivos, e queremos incluí-los neste processo de documentação enquanto ainda podemos fazer isso”, disse ela.

A Cornell recrutou o pioneiro do hip-hop Afrika Bambaataa como especialista convidado. O DJ do sul do Bronx e fundador do grupo de conscientização sobre o hip-hop chamado Nação Universal Zulu escolheu o termo “hip-hop” como nome da cultura e identificou como seus elementos fundamentais o rap — ou o trabalho dos MCs —, os DJs do breakbeat, a breakdance (também conhecida por b-boy e b-girl) e a arte do grafite.

“O quinto elemento que Afrika Bambaataa descreveu é o conhecimento, e as formas de arte do hip-hop são as ferramentas para conquistá-lo”, afirma Ortiz. “Conhecimento, neste caso, significa conscientização



Rapper/MC Rakim posa com grafite de picape e DJ em ação (AP Images)

e compreensão sobre o mundo e compreensão sobre si mesmo, sua história e sua herança, bem como a herança de outras pessoas.”

O hip-hop cresceu e passou a incluir técnicas como a percussão vocal, conhecida como beat box, e o arrastar dos discos de vinil, e por meio de gravações como o hit de 1979 “Rapper’s Delight”, do Sugarhill Gang, sua base de fãs se expandiu para além das comunidades urbanas afro-americana, afro-caribenha e latina do sul do Bronx e passou a incluir jovens dos subúrbios americanos de todas as raças e etnias.

Hoje, inquestionavelmente, o hip-hop é um fenômeno global. Os movimentos da breakdance se espalharam para países que estão conectados à internet há pouco tempo, e letras de rap estão sendo recitadas em quase todos os idiomas. Adaptando com facilidade o hip-hop a suas próprias culturas, jovens artistas do mundo inteiro estão fazendo uso dele para se expressar, do modo direto ou eloquente que preferirem, falando sobre qualquer coisa, do amor ao abandono, da pobreza à corrupção.

Falando sobre o incrível crescimento do hip-hop desde suas raízes no sul do Bronx, Bambaataa afirmou que a cultura “reuniu mais pessoas do que todos os políticos do mundo juntos”.

“Por meio do hip-hop, pessoas de diferentes religiões que nem falaria- riam umas com as outras se reúnem. Pessoas de diferentes raças e nacionalidades que nunca atravessariam fronteiras e barreiras ou nunca entrariam nas casas umas das outras o fazem graças à música e à cultura do hip-hop”, disse Bambaataa. “Compreender uns aos outros é o poder do hip-hop.”

Alunos da Universidade da Flórida fazem movimento de breakdance no campus em Gainesville (AP Images)

